

Cultura Popular e Império

As lutas pela conquista do consumo cultural em Portugal e nas suas colónias



Nuno Domingos
(organizador)

ICS

Cultura Popular e Império

**As lutas pela conquista do
consumo cultural em Portugal
e nas suas colónias**

Nuno Domingos
(organizador)

ICS

Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



**Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa**

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa – Portugal
Telef. 21 780 4700 – Fax 21 794 0274

www.ics.ulisboa.pt/imprensa
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação

Cultura popular e Império: as lutas pela conquista do consumo cultural
em Portugal e nas suas colónias / org. Nuno Domingos. - Lisboa: ICS.

Imprensa de Ciências Sociais, 2021

ISBN 978-972-671-661-7

ISBN EPUB 978-972-671-663-1

ISBN PDF 978-972-671-662-4

Cultura popular / Império Português / Estado Novo / Política cultural / Colónias
portuguesas / Consumo cultural

CDU 316.7



© Instituto de Ciências Sociais, 2021

Capa: Aresta Criativa – Artes Gráficas, Lda.

Imagem da capa: Telmo Alcobia

Projecto gráfico: Aresta Criativa – Artes Gráficas, Lda.

Revisão: Levi Condinho

Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

Depósito legal: 480026/21

1.ª edição: Maio de 2021

Marco Roque de Freitas

Capítulo 10

«Aqui Portugal, Moçambique»: para uma história sonora do Rádio Clube de Moçambique (1932-1974)

Introdução

É a hora de abrir a estação CR7AA. Em volta do aparelho receptor afluem as pessoas da família e visitantes. Uma ânsia de curiosidade espelha-se nos rostos. Deslocam-se e arrastam-se as cadeiras, forma-se um hemicírculo, evita-se tossir, deixa-se o café do jantar, uma penumbra doce de quebra-luz dá esbatidos ao quadro, digno do pincel de Columbano ou dum Cézanne e da pena dum Júlio Diniz ou Maupassant [...]. Começa a audição e as mentes vagueiam pelos encantos sem fim que a música, o canto ou a palavra lhes despertam em evocações de saudade, em frémios de entusiasmo, sensações de tristeza e evocações felizes. A canção regional, a rapsódia popular, o fado bairrista, são a varinha mágica denunciadora das predilecções e origens dos que assistem. Salta a «caninha verde» e o «Malhão» nos olhos dum; o «Vira» da Figueira ou «canção do Choupal» na vista do outro; afogueia-se o rosto daquele ao tamanquear do Fandango e vinca-se o facies sonhador da estepa, ao ouvir orfeão arrastado do Além-Tejo. Um acorde de música é um relâmpago

que ilumina anos de vida. Vida, mocidade, esperanças perdidas, confiança no futuro, lágrimas vertidas, risos que se almejam... Um mundo que passou, um mundo que se quer ressuscitar.¹

Este texto de Luna de Oliveira descreve-nos a prática social da audição radiofónica em Lourenço Marques, Moçambique, na primeira metade da década de 1930. Privados do ambiente da metrópole, os colonos recorriam à rádio como uma fonte de «conforto», que os ligava ao mundo que tinham deixado para trás, providenciando um elo de ligação emocional e «sonoro» com a sua terra natal. Neste período, predominavam as canções representativas do chamado «folclore português» e de outros géneros, como o fado. Cerca de trinta e cinco anos depois, já nas vésperas da Revolução de Abril de 1974, o panorama sonoro do Rádio Clube de Moçambique (RCM) havia-se modificado sobremaneira em relação a esta fase inicial. Nesta altura, esta emissora recorria a sonoridades ligadas a um imaginário «global», decorrente do cruzamento de valores promovidos na generalidade dos espaços coloniais na África subsariana, na metrópole, e em outros contextos internacionais mediados pelas indústrias da música multinacionais. É através da justaposição destas dimensões que procuro analisar o impacto do Rádio Clube de Moçambique no quotidiano laurentino, sem esquecer, entre outros fatores, o seu contributo como símbolo do progresso económico, cultural e social da colónia de Moçambique, constituindo-se, simultaneamente, enquanto alternativa à política cultural dominante, designadamente no que diz respeito ao panorama sonoro promovido pela Emissora Nacional na metrópole.

O Rádio Clube de Moçambique foi criado em 1934 em Lourenço Marques, resultado de uma iniciativa privada, tendo tido uma grande expansão após a Segunda Guerra Mundial e tornando-se numa das mais importantes empresas de radiodifusão comercial em África. Em 1974, a estação radiofónica possuía várias orquestras e transmitia mais de 60 000 horas por ano em 16 idiomas diferentes. Para além de canções cantadas em português, espanhol e francês, predominavam igualmente repertórios associados à música *pop* e *rock* internacional, sobretudo inglesa e norte-americana. Existiam ainda várias emissões

¹ «O grémio dos radiófilos», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 18, dezembro de 1936: 5. Autoria: Luna de Oliveira.

em línguas locais denominadas *A Voz de Moçambique*, criadas para exercer «ação psicológica» sobre as populações durante a guerra de libertação (1964-1974).

Existe já alguma bibliografia focada na história desta instituição, casos dos livros de Ernesto Barbosa e de Luís Loforte.² Contudo, apesar de ambos se focarem, respetivamente, nas dimensões económicas do RCM e na perspetiva pessoal de um dos seus trabalhadores, estão praticamente ausentes nestas análises aspetos relacionados com as dimensões «sonoras» da estação. Tendo como fontes os supracitados livros, os 441 números da revista *Rádio Moçambique* publicados entre maio de 1935 e dezembro de 1973 em Lourenço Marques, entrevistas por mim realizadas a locutores, diretores e músicos, e outras fontes documentais consultadas nos arquivos da Rádio Moçambique em Maputo, este capítulo pretende construir uma «história sonora» do RCM com base na sua relação com ideias de «modernidade» e «cosmopolitismo»,³ sem descurar os princípios que estiveram na base da sua instrumentalização com propósitos políticos. Sublinho ainda que a «história» aqui apresentada é «sonora», não «musical», porque o conceito «música», aplicado a este caso, é manifestamente limitado,⁴

² Ernesto Barbosa, *A Radiodifusão em Moçambique: O Caso do Rádio Clube de Moçambique, 1932-1973* (Maputo: Promédia, 2000). Luís Loforte, *Rádio Moçambique. Memórias de um Doce Calvário* (Maputo: Edição de autor, 2007).

³ Recorro à definição de «cosmopolitismo» desenvolvida por Thomas Turino, para se referir a «objetos, ideias e posições culturais que são amplamente difundidos em todo o mundo, apesar de se reportarem a grupos específicos de determinados países. Recorro ao significado comum da palavra, «do mundo»: para ser cosmopolita, certas ideias e características devem ser amplamente difundidas entre grupos sociais particulares em locais diferentes [...]. As formações culturais cosmopolitas são compostas de vários locais e seus contributos. Contudo, as formações cosmopolitas são geralmente mais influenciadas por locais particularmente poderosos – Inglaterra e vários países europeus no século XIX, Estados Unidos, Japão, Rússia e China no século XX – através de processos tais como o colonialismo e outros mecanismos de controlo económico neocoloniais». Thomas Turino, *Nationalists, Cosmopolitans, and Popular Music in Zimbabwe* (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 7-8.

⁴ A não-universalidade de conceitos tais como «música» foi justificada por alguns autores pelo facto de existirem grupos que não possuem um termo para caracterizar os seus fenómenos sonoros humanamente organizados. Por esta razão, este capítulo recorre aos conceitos «comportamento expressivo», «cultura expressiva» e «prática expressiva» como substitutos de conceitos etnocêntricos tais como «música» e «dança», apesar de estes poderem surgir no decorrer deste documento enquanto conceitos meramente operativos. Para mais informações, ver John Blacking *How Musical is Man? [The John Danz Lectures]* (Seattle e Londres: University of Washington Press,

para além de excluir muitas outras dimensões «sonoras» que considero centrais neste processo, tais como a retórica dos locutores e os discursos políticos. Divido este artigo em duas partes: uma primeira que resume a história do RCM e uma segunda que descreve e analisa as suas cinco emissões, bem como os agrupamentos musicais organizados ao abrigo da estação radiofónica.

Para uma história do RCM em três fases

Do Grémio de Radiófilos ao Rádio Clube de Moçambique (1932-1945)

No início da década de 1930, o panorama radiofónico de Lourenço Marques era quase inexistente. Não havia condições materiais e económicas para montar uma estação estatal na cidade, e as únicas emissões captáveis provinham dos territórios vizinhos, sobretudo da União Sul-Africana. Nessa época, os recetores de rádio eram considerados artigos de luxo; a sua aquisição pressupunha o pagamento de taxas de licença de posse, bem como elevados custos alfandegários que poderiam chegar aos 40-50% sobre o valor inicial do produto, o dobro do valor praticado em Lisboa.⁵ Apesar de não existirem quaisquer emissores profissionais no início da década de 1930, as iniciativas radiofónicas particulares multiplicaram-se um pouco por todo o espaço português. Segundo informações publicadas no jornal *O Século* em 25 de julho de 1934, só em Portugal continental existiam 239 emissores, enquanto nas colónias o número ainda não ultrapassava os 50,⁶ entre os quais se

1973); Bruno Nettl, «The art of combining tones: the music concept», in *The Study of Ethnomusicology: Thirty-one Issues and Concepts* (Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 2005), 16-26. Ver Ruth Stone, «African music in a constellation of arts», in *The Garland Handbook of African Music*, org. Ruth Stone (Nova Iorque e Londres: Routledge, 2008), 7-13; Sobre o caso de Moçambique, ver João Soeiro de Carvalho, «Performance culture in Maputo: categories of expressive modes in the changing of an African urban society», *Revista Portuguesa de Musicologia*, n.º 12 (2002): 253-263.

⁵ Barbosa, *A Radiodifusão...*, 11-12

⁶ Manuel Deniz Silva, «Rádio», in *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, org. Salwa Castelo-Branco, vol. 4 (Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2010), 1080-1086.

encontrava o CR7AA, que posteriormente deu origem ao Rádio Clube de Moçambique.⁷

A 23 de julho de 1932, um grupo de radiófilos de Lourenço Marques, encabeçado, entre outros, por Augusto das Neves Gonçalves e Firmino José Sarmiento, aprovou a criação de uma pequena estação de radiofusão que estaria a cargo do então recém-criado Grémio de Radiófilos da Colónia de Moçambique. Tratava-se de um conjunto de entusiastas que pretendiam, por um lado, satisfazer o seu interesse por experiências radiofónicas e, por outro, radiodifundir a música e cultura portuguesas, contrariando assim a paisagem sonora oferecida pelas poucas estações da União Sul-Africana, as únicas que podiam ser captadas a partir de Lourenço Marques.⁸ Segundo o artigo 3.º dos *Estatutos do Rádio Clube de Moçambique*, os objetivos desta emissora eram os seguintes:

- 1.º Manter na Colónia um serviço eficiente de radiodifusão, estabelecendo emissoras que funcionarão sob a designação comum de «Rádio Moçambique»; 2.º realizar todas as actividades normalmente entregues a estações de radiodifusão; 3.º contribuir para a propaganda da Colónia e para o bom nome da colonização portuguesa pelos meios ao seu dispor; 4.º estudar o aperfeiçoamento e a aplicação das ciências radioelétricas e auxiliar as instituições que se criem designadamente com esses objectivos; 5.º publicar, sempre que se julgue necessário ou conveniente, boletins, jornais e uma revista especialmente dedicados à divulgação da sua actividade e informação do desenvolvimento e do progresso da técnica radioelétrica, em todas as suas manifestações; 6.º exercer publicidade comercial; 7.º criar e manter, quando julgado oportuno, cursos de técnica radioelétrica, de produção radiofónica, de canto, de música, de declamação, de locução e outros cursos afins das actividades da rádio; 8.º promover realizações de carácter cultural e artístico, servindo-se dos meios ao seu dispor.⁹

⁷ «Aqui CR7 AA», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 18, março de 1936, 9.

⁸ Barbosa, *A Radiodifusão...*, 12-14.

⁹ «Estatutos do Rádio Clube de Moçambique», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 132, fevereiro de 1947: 11-14.

Em 1934, o número de proprietários de radiotransmissores em toda a colónia era já significativo: foram declarados 600 proprietários de radioreceptores, 400 deles em Lourenço Marques.¹⁰ Os estabelecimentos de venda eram então a Aparelhos de Rádio Mendes, Rádio Electra, Universal 7, Rádio Colonial, Casa Spanos, Electra; enquanto as marcas de rádio predominantes eram a *Luxor*, a *Emerson*, a *His Master's Voice* ou a *Philco*.¹¹

Com vista a promover conteúdos para os seus ouvintes e informar os sócios sobre os relatórios de contas, foi criada em 1935 a revista mensal *Rádio Moçambique*. Nos seus anos iniciais, esta publicação foi palco de um aguerrido debate sobre o estatuto da radiodifusão e as suas possíveis contribuições para as mais diversas áreas do quotidiano colonial. Caetano Campo, na época diretor da revista, assinou vários artigos tais como «A rádio na escola», «A rádio na prisão», «A rádio no exército», «Rádio e a guerra», e muitos outros que relacionavam o RCM com conceitos tais como «nação», «estado», «pátria», «império», «propaganda nacional», e «civilização»:

Não é ainda perfeito o serviço que o Grémio dos Radiófilos hoje nos fornece. É, pois, necessário mais importante auxílio para que ele possa cumprir com a nobre missão que a si impôs: levar o convívio da Capital, as suas distrações e as suas notícias, a todos os cantos da colónia. Levar a todos os portugueses que, privados muitas vezes da mínima parcela de conforto, tão confinada e heroicamente lutam pelo engrandecimento de Portugal, a certeza de que a capital da Colónia não os abandonou, antes lhes recorda os descantes, as modinhas, os usos e costumes da terra que lhes foi berço e os encoraja a prosseguirem, quando, ao despedir-se, com as notas da «Portuguesa», lhes lembra que devemos: «Levantar hoje de novo o esplendor de Portugal.»¹²

Através destes e de outros artigos, a revista procurava levar à metrópole a informação do trabalho desenvolvido no domínio da radiodifusão em Moçambique, já que na época ainda não seria possível

¹⁰ Barbosa, *A Radiodifusão...*, 15-16.

¹¹ Publicidades incluídas nos números da revista *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, números 1-35, março de 1936 a abril de 1938.

¹² «Ante-projecto apresentado à primeira conferência económica», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º13, junho de 1936: 3.

levar a que o som captado pelos seus microfones chegasse a Lisboa. O objetivo era inequívoco: sensibilizar o Estado metropolitano para contribuir financeiramente para aquela «obra patriótica».¹³ Os dirigentes da Rádio procuraram também captar receitas publicitárias nos países vizinhos, em particular na União Sul-Africana, criando programas com locução em língua inglesa,¹⁴ tendo também sido criado, para o mesmo efeito, o passatempo «rifa», em 1936. A 29 de julho de 1937, o Grémio de Radiófilos de Moçambique passou a denominar-se Rádio Clube de Moçambique, por decisão da sua assembleia-geral.¹⁵

As relações entre o RCM e o Estado metropolitano intensificaram-se a partir de 1937, com a concessão à Rádio de um subsídio especial e a isenção de direitos aduaneiros na importação de material.¹⁶ Após a aquisição de um emissor de 10Kw em 1939, o RCM tornou-se a mais poderosa estação de Rádio de ondas curtas de todo o território português, passando a ser finalmente ouvida não só na metrópole, mas também em outros países europeus e africanos. Em fevereiro de 1940 estreava-se o programa *Minuto da Saudade*, baseado no programa *Hora da Saudade* da Emissora Nacional, onde Portugal Continental e a Colónia estariam diretamente em contacto.¹⁷ No mesmo ano, a estação transformou-se num autêntico fenómeno de popularidade em Angola.¹⁸

Estavam assim reunidas as condições para a intensificação de uma relação de interesses e contrapartidas entre o RCM e o Estado português, que viria a manter-se até à independência de Moçambique: de um modo geral, o RCM estaria interessado em receber financiamento ao mais alto nível, enquanto o Estado desejava instrumentalizar a rádio para propagandear a colonização portuguesa em África. A partir de 1941, como nota Barbosa, a presidência da Rádio passou a ser ocupada por personalidades ligadas ao aparelho do Estado colonial e os propósitos do RCM passaram a estar em consonância com os

¹³ «Algumas cifras sobre o desenvolvimento do Rádio Clube», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 49, junho de 1939, 9-11.

¹⁴ «Balanço oportuno», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 18, dezembro de 1936, 3.

¹⁵ Barbosa, *A Radiodifusão...*, 19-20.

¹⁶ *Ibidem*, 20.

¹⁷ «Relatório da gerência. Ano 1940», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 72, junho de 1941: 15-39.

¹⁸ *Ibidem*.

objetivos coloniais e metropolitanos:¹⁹ ficou decidido que as receitas provenientes de taxas cobradas aos radiorrecetores passariam a ser diretamente entregues ao RCM e, a 20 de novembro de 1948, a estação recebeu o estatuto de instituição de elevada utilidade pública.²⁰ Aquele que começou como um passatempo de carácter «elitista» transformou-se rapidamente numa importante organização com propósitos propagandísticos, simbolizando, simultaneamente, o desenvolvimento e a modernidade da colónia.

A expansão do império radiofónico (1946-1960)

Os desequilíbrios económicos provocados pela Segunda Guerra Mundial trouxeram profundas mudanças ao normal funcionamento da emissora, marcadas por cortes nas orquestras e pelo aumento da transmissão de música de discos. Nos anos seguintes o RCM entrou, por fim, numa época próspera, pautada por um elevado crescimento financeiro, material e logístico. Os primeiros sinais de mudança ocorreram em 1947 com a autonomização das secções de produção portuguesa e inglesa, passando a existir duas emissões simultâneas no RCM: a Emissão A, com locução em português, dirigida sobretudo

Quadro 10.1 – Receitas de publicidade externa, interna e da Rifa.²¹

Ano	Pub. Interna	Pub. Externa	Receitas da Rifa	Ano	Pub. Interna	Pub. Externa	Receitas da Rifa
1937	109 019,5	289 870		1956	1 372 718,78	12 520 953,2	6 812 457,85
1938	164 637	753 500		1957	1 717 000	12 357 000	7 514 000
1939	185 842,5	1 168 090		1958	2 120 000	12 340 000	7 434 000
1940	193 544	822 125	234 527,57	1959	2 436 000	12 177 000	3 208 000
1941	181 083	687 248,89	151 927,05	1960	3 122 839,99	12 506 994,9	2 326 432,7
1942	179 420,4	459 681,74	237 650,83	1961	2 808 534,12	14 239 058,5	2 703 454,08
1943	240 904,6	475 106,8	265 465,76	1962	3 054 729,39	14 778 013,6	2 324 982,6
1944	246 283	1 572 275,85	222 853,16	1963	3 468 949,63	18 365 245	2 961 493,13
1945	274 733	2 578 631,42	3 353 344,45	1964	3 152 829,6	20 109 579,6	864 862,05
1946	296 074	2 098 037,8	505 082,5	1965	4 075 487,5	21 341 095	450 548,5
1947	356 406	2 056 229,1	670 050,88	1966	5 225 541,75	22 159 969,7	484 283,7
1948	493 029	6 491 346,6	1 198 151,9	1967	5 373 664,1	23 174 767,64	494622,6
1949	563 528,5	10 368 430,5	1 248 584,9	1968	9 611 031,1	25 763 594,6	701 724,6
1954	1 116 000	22 810 000	7 991 000	1969			513 535,2
1955	1 241 358,11	12 111 712,4	6 740 333	1970			794 683,1

¹⁹ Barbosa, *A Roadiodifusão...*, 25-26.

²⁰ «Relatório da Gerência. Ano 1940», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 72, junho de 1941: 15-39.

²¹ Para mais informações, ver Barbosa, *A Roadiodifusão...*, Anexo 3.

à população colona; e a Emissão B, que ficou posteriormente conhecida como LM Radio, dirigida aos países vizinhos, sobretudo à União Sul-Africana, com locução em inglês e *afrikaans*. Os resultados desta decisão foram imediatos: o fluxo publicitário proveniente do estrangeiro aumentou consideravelmente a partir de 1947, tornando-se assim, a par da organização de uma rifa, uma das principais receitas do Rádio Clube.

Em dezembro de 1948, a revista *Rádio Moçambique* apresentou o anteprojeto para as novas instalações da sede, a ser executado pelo engenheiro Vítor Barbosa da Silva Carvalho.²² A 24 de setembro de 1951 iniciou-se o processo de mudança da Rua Major Araújo (atual Rua de Bagamoyo) para as novas instalações localizadas na Avenida 5 de Outubro (posteriormente renomeada para Rua do Rádio Clube em 1957²³), onde ainda hoje a estação Rádio Moçambique continua a operar.²⁴ Para além de servir de sede, o monumental edifício oferecia as condições ideais para o incremento da produção musical, incluindo vários estúdios, espaços exclusivamente dedicados a arquivos musicais, auditórios, e até mesmo um imponente salão de chá destinado a receber visitas. Na mesma época, procedeu-se também à ampliação do Centro Emissor da Matola; construiu-se um conjunto de casas com o propósito de albergar os funcionários e os técnicos do Centro Emissor a partir de 1945, dando origem ao que o RCM chamou «Vila da Rádio».²⁵

A ambição de melhorar as condições materiais do RCM não ficou por aqui: em outubro de 1953 foi inaugurado o Emissor Regional «do Niassa», construído em Nampula.²⁶ Este foi o primeiro de sete

²² «Relatório da Gerência. Ano 1940», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 72, junho de 1941: 15-39.

²³ «Relatório da Direcção de 1957», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 262, maio de 1958:1-6.

²⁴ «Relatório da Direcção de 1951», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 190, maio de 1952: 1-3.

²⁵ «Relatório da Direcção de 1945», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 121, março de 1946: 2-7.

²⁶ Inicialmente este era denominado «Emissor Regional do 'Niassa'», já que esta designação abarcava toda a região do Norte de Moçambique. Posteriormente este emissor foi renomeado para «Emissor Regional do Norte», designação que voltou a abandonar no decorrer da década de 1960. Posteriormente acabou por ser designado «Emissor Regional de Nampula». «Relatório da Direcção referente ao ano de 1953», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 216, julho de 1953: 1-4.

postos emissores regionais construídos até 1974, seguindo-se, em setembro de 1958, o Emissor Regional da Zambézia²⁷ e, em abril de 1960, o Emissor de Cabo Delgado.²⁸ Os restantes emissores regionais só viriam a ser construídos na década de 1970, enquadrados numa estratégia de propaganda ajustada à Guerra Colonial. Um outro fator que explica o surgimento dos emissores regionais relaciona-se com a necessidade de limitar a influência da Emissora do Aeroclube da Beira (criada em 1944 por Jorge Jardim), e da Rádio Pax (fundada em 1954 pela diocese da Beira).

Em 1956 o RCM inaugurou um novo emissor de 100kw, contando com a presença do Presidente da República, General Francisco Craveiro Lopes, e do ministro do Ultramar, Raúl Ventura. Nessa altura, este foi apresentado como o maior e mais importante avanço da radiodifusão na África subsariana até àquela data.²⁹ Finalmente, a elevada popularidade do RCM comprovava-se pelo número de turistas que o visitavam. Só em 1959, o palácio da rádio recebeu 35 841 visitas, uma média de 100 turistas diários. No estrangeiro, a estação passaria a simbolizar «Moçambique», sendo, em muitos casos, a principal referência não só da colónia, como de Portugal, nos países vizinhos.

«A obra está feita, mas a tarefa continua» (1961-1974)

O Rádio Clube de Moçambique entrou na década de 1960 com o título de «estação radiofónica melhor apetrechada de todo o espaço territorial português»³⁰: emitia em seis línguas (português, inglês, *afrikaans*, francês, xironga e xichangana),³¹ tinha ao seu dispor 14 potentes emissores que poderiam funcionar em

²⁷ «Relatório da Direcção referente ao ano de 1958», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 273, abril de 1959: 1-8.

²⁸ «Relatório da Direcção referente ao ano de 1960», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 297, abril de 1961: 1-85.

²⁹ «Relatório da Direcção referente ao ano de 1956», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 249, abril de 1957: 1-9.

³⁰ Barbosa, *A Radiodifusão...*, 42.

³¹ «Relatório da Direcção referente ao ano de 1957», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 262, maio de 1958: 1-8.

simultâneo,³² três emissores regionais com emissões autónomas e um horário cada vez mais prolífico e alargado. O RCM foi também um dos acionistas fundadores da Radiotelevisão Portuguesa em 1957, acautelando assim a exclusividade na criação de um sistema de radiotelevisão em Moçambique.³³ Contudo, as exigências de um novo contexto de guerra vieram condicionar determinante-mente os planos da estação. Tal como refere a Direcção, numa mensagem proferida no 31.º aniversário do RCM: «a obra está feita, mas a tarefa continua».³⁴

A primeira grande mudança na programação decorrente do contexto da guerra aconteceu em 1962, com a substituição do programa em línguas locais denominado *Hora Nativa* (originalmente criado em 1958), por uma nova emissão – *A Voz de Moçambique* – cuja produção de conteúdos deixou de estar a cargo do Rádio Clube, passando a estar confiada à 3.ª Divisão dos Serviços da Acção Psicossocial – Divisão de Acção Educativa e Cultural.³⁵ Com esta decisão, as emissões direccionadas para as populações autóctones passaram a estar sob o controlo direto do Estado. O quadro seguinte mostra a evolução do número de horas de emissão anual de todas as emissões entre 1937 e 1972 (data de publicação do último relatório de contas), sendo bem evidente um aumento progressivo ao longo da década de 1960, atingindo o seu auge em 1972. Este aumento deveu-se, sobretudo, às emissões de *A Voz de Moçambique*.

O RCM criou a sua terceira emissão autónoma a 12 de dezembro 1962, denominada Emissão C, composta sobretudo por música pertencente ao cânone da música erudita europeia e música associada ao universo performativo do *jazz*,³⁶ inicialmente em Frequência

³² «O Rádio Clube vai aplicar todos os seus recursos na elevação do nível da sua produção», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 295, fevereiro de 1961: 1-3.

³³ «Relatório da Direcção referente ao ano de 1956», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 249, abril de 1957: 1-9.

³⁴ «A passagem de mais um aniversário», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 332, março de 1964: 3.

³⁵ «Relatório da Direcção. Ano de 1963 [1962]», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 322, maio de 1963: 3-7.

³⁶ «Relatório da Direcção. Ano de 1964», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 346, maio de 1965, 1-5.

Quadro 10.2 – Evolução do número de horas de emissão anuais do RCM. Inclui todos os emissores e postos regionais.³⁷

Ano	Horas de emissão	Ano	Horas de emissão	Ano	Horas de emissão
1937	2833	1949	7001	1963	13 966
1938	2905	1950	8618	1964	17 827
1939	3008	1951	7665	1965	25 535
1940	2739	1952	8846	1966	28 760
1942	2774	1953	9125	1967	27 879
1943	2633	1954	9147	1968	33 337
1944	2850	1956	9332	1969	37 527
1945	2888	1957	9332	1970	40 107
1946	2813	1960	9441	1971	45 602
1947	4538	1961	12 106	1972	60 405
1948	4615	1962	12 920		

Modulada (FM).³⁸ A 18 de março de 1964 passou a radiodifundir em FM com estereofonia, tornando-se numa das primeiras estações a adotar este sistema a nível mundial, com exceção do Canadá e dos EUA. Segundo Barbosa, tendo em conta que os radioreceptores estereofónicos seriam ainda relativamente raros, esta realização do RCM demonstra a necessidade de afirmação num contexto internacional e, por conseguinte, a intenção de reforçar o seu prestígio além-fronteiras.³⁹ Em janeiro de 1968 foi criada a quarta emissão em português, denominada «Emissão D», que procurava descongestionar a programação da Emissão A e torná-la mais equilibrada.⁴⁰

Ao longo da década de 1970 a cobertura radiofónica intensificou-se. O Centro Emissor do Dondo-Beira foi inaugurado no dia 1 de outubro de 1970, com o propósito único de servir as emissões de *A Voz de Moçambique*, não radiodifundindo qualquer emissão em língua portuguesa. Outros quatro novos emissores regionais foram inaugurados nos últimos dois anos antes da Revolução de Abril de 1974, numa época em que o teatro de guerra se estendia às regiões do Centro-Sul da província: o primeiro na cidade de Tete, a 29 de

³⁷ Informações recolhidas nos relatórios de contas apresentados na revista *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*.

³⁸ Não existe consenso se terá sido o RCM ou a Rádio Pax a primeira estação radiofónica a radiodifundir em FM.

³⁹ Barbosa, *A Radiodifusão...*, 42-43.

⁴⁰ *Ibidem*.

outubro de 1972;⁴¹ o segundo em Vila Cabral (atualmente Lichinga, no Niassa), a 12 de dezembro de 1972;⁴² o terceiro em Inhambane, a 23 de novembro de 1973;⁴³ e o quarto em Vila Pery (atualmente Chimoio, em Manica), no decorrer de 1974.⁴⁴ Foi ainda projetada a possibilidade de se construir um posto regional em João Belo (atualmente Xai-Xai, capital da província de Gaza), projeto que foi cancelado após a Revolução de 25 de Abril de 1974.⁴⁵ A expansão apressada e não sustentável do império radiofónico num contexto de uma «guerra das ondas sonoras» contribuiu para o agravamento da conjuntura económica do RCM; situação agudizada pelo facto de os encargos financeiros de *A Voz de Moçambique* serem «muito insuficientemente compensados monetariamente».⁴⁶ Com o 25 de Abril em 1974, o RCM ficou sob controlo de uma Comissão Administrativa Militar, passando a integrar nos seus quadros personalidades ligadas à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

Análise das emissões e dos grupos musicais do RCM

Aspetos gerais da programação do RCM até 1948

Na década de 1930, o emissor CR7AA funcionava todas as segundas-feiras das 20 às 22 h, quintas-feiras e sábados das 15h30 às 22h30. Os programas musicais eram constituídos, na sua generalidade, «por

⁴¹ «Regional de Tete. O Rádio Clube de Moçambique inaugura mais um emissor regional», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 427, setembro de 1972: 1, 4, 5, 56, 57 e 58.

⁴² «Regional de Vila Cabral», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 430, dezembro de 1972: 3-7.

⁴³ «Cerimónia inaugural do Centro Emissor do RCM em Inhambane em 23 de novembro de 1973», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 441, novembro de 1973: 1-5.

⁴⁴ Loforte, *Rádio Moçambique...*, 93.

⁴⁵ A inauguração do Emissor do Xai-xai aconteceu em 2002, vinte e oito anos depois da inauguração do de Inhambane, fechando assim o ciclo da criação de emissores regionais autónomos (denominados «Emissores Provinciais» depois da independência). Para mais informações, ver Loforte, *Rádio Moçambique...*, 93.

⁴⁶ «Relatório da Direcção. Exercício de 1971. III», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 424, junho de 1972: 29.

discos de gramofone, gentilmente cedidos pelas firmas Silva & Ferreira, Bayly & Co. e Minerva Central, representantes respetivamente das marcas «Columbia», «His Master's Voice», «Regal» e «Polydor». ⁴⁷ Ocasionalmente, havia a possibilidade de transmitir música de câmara em vez de discos, ⁴⁸ bem como retransmissões de momentos musicais captados no Casino Belo situado na Rua Major Araújo, no Palace Hotel ou pela banda militar. ⁴⁹ Alguns dos conceitos ou categorias musicais presentes na programação incluem «canções portuguesas», «música de dança», «música de orquestra de estúdio» e «solos de guitarra».

O quadro seguinte exemplifica o número e o conteúdo das transmissões ao longo dos três primeiros anos da Rádio, entre 1933-1936, notando-se já a predominância de discos estrangeiros em relação às produções portuguesas. Esta discrepância pode ser explicada, por um lado, pelo facto de as indústrias fonográficas em Portugal ainda estarem subdesenvolvidas, ⁵⁰ por outro, pela intenção de satisfazer o público sul-africano que, nesta época, seria um dos principais fornecedores de publicidade na Rádio. ⁵¹

Quadro 10.3 – Atividade do Grémio de Radiófilos entre 1933 e 1936.

	1933	1934	1935	1936
Discos portugueses	70	125	385	802
Discos estrangeiros	457	407	803	2182
Orquestra	8	16	79	56
Solos de guitarra	0	0	15	16
Solos vários	0	0	14	38
Retransmissões	16	19	81	70
Horas de emissão	70	90	210	360

⁴⁷ «Os nossos programas», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 1, maio de 1935: 15.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ «Programa para o mês de Setembro de 1935», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 4, agosto de 1935: 5.

⁵⁰ Sobre este assunto, ver Leonor Losa, *Machinas Fallantes: A Música Gravada em Portugal no Início do Século XX* (Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2013).

⁵¹ «1936», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 19, janeiro de 1937: 1. Autoria: Gilberto Gonçalves Tubio.

A partir de 1948 as emissões em português e inglês autonomizaram-se, sendo designadas Emissão A e B, respetivamente. Seguiu-se, em 1962, a Emissão C, dirigida sobretudo aos amantes de música clássica; e a Emissão D, em 1968, com programas de empresas de publicidade.

Emissão A

Com locução apenas em língua portuguesa, esta emissão destinava-se sobretudo aos colonos, e o seu raio de propagação era o mais abrangente entre todas as emissões, podendo ser ouvida em todos os espaços ultramarinos portugueses em África e na metrópole. A partir de 1948, a Emissão A procurou misturar os mais variados géneros musicais, preenchendo os seus horários com música que abrangia as categorias gerais de «música ligeira», «música popular» e «música clássica» – compreendendo, no primeiro caso, as músicas de orquestras e *big bands* de influência anglófona, no segundo, as chamadas músicas «folclóricas» ou «tradicionais» e, no terceiro, a música pertencente ao cânone da música erudita europeia. Existiam também programas musicais com base na língua ou no espaço geográfico de proveniência, tais como «canções inglesas», «canções espanholas», «canções portuguesas», «canções sul-americanas», «música brasileira», ou outras generalidades, tais como «solos vários», «conjuntos musicais», «música de filmes» e «música de dança». Existiam também muitos programas dedicados à esfera da música «erudita», tais como «valsas vienenses», «música de operetas», «sinfonias», «concertos», «intermezzos», etc.⁵²

A partir da década de 1950 o número de horas expandiu-se, passando a incluir variantes específicas deste programa para «música ligeira», «concerto», «canções», «canções variadas» e «dança». Em março de 1959, a revista *Rádio Moçambique* passou também a incluir picotados de voto com as canções em voga, que acabariam, posteriormente, por servir de base para a criação de paradas musicais

⁵² Exemplos recolhidos na programação impressa na *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 141, abril de 1948; n.º 156, julho de 1949; e n.º 210, janeiro de 1954.

(*tops* musicais).⁵³ Foram também estabelecidos protocolos com outras rádios com vista a promover o intercâmbio de programas, tais como *A Voz da América*, *A Voz da Alemanha* ou *A Voz de Áustria*.⁵⁴ Naturalmente, a prioridade recaiu nos programas da Emissora Nacional, com particular foco no *Minuto de Amizade*, inspirado no programa *Hora da Saudade*, onde seriam lidas mensagens da população laurentina para os seus «entes queridos» na metrópole.⁵⁵

O primeiro programa comercial nas emissões em língua portuguesa foi para o ar em 1949 e chamava-se *Domingo Alegre*, da autoria e realização de António Alves da Fonseca e de António Silva. Radiodifundido aos domingos de manhã, tornou-se no programa com maior audiência da Emissão A.⁵⁶ Com o passar dos anos, a tipologia dos programas foi-se alterando e, em 1957, a lógica programática com base em tipologias musicais foi gradualmente abandonada, dando lugar a horários específicos que seriam comprados por empresas, como o caso da *Hora da Robialac*, *Programa Zenith*, *Programa Phillips*, etc.

Segundo um inquérito publicado na edição de maio de 1959 da revista *Rádio Moçambique*, seriam estes, por ordem, os programas preferidos dos ouvintes: 1.º Canções portuguesas; 2.º Teatro em sua casa; 3.º O que me agrada ouvir; 4.º Programa vivo da Orquestra de Variedades do RCM; 5.º Canções Folclóricas; 6.º Música de dança; 7.º Jornal de Actualidades; 8.º Fados; 9.º Coros e conjuntos vocais; 10.º Programa vivo da Orquestra de Concerto do RCM.⁵⁷ Seguidamente apresento a discriminação da programação da Emissão A entre 1968 e 1972.⁵⁸

⁵³ «Programa-tipo do Rádio Clube de Moçambique para o mês de Março», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 271, fevereiro de 1959: 14-15.

⁵⁴ «Programa-tipo do Rádio Clube de Moçambique para o mês de Julho», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 287, junho de 1960: 12-13.

⁵⁵ Fernando Carlos Moura, «Contacto com a origem: a hora da saudade», *Revista Média & Jornalismo* n.º 24 – *Rádio – Contextos e Linguagem*. n.º 24, vol. 13 (2014): 135-152.

⁵⁶ Barbosa, *A Radiodifusão...*, 37.

⁵⁷ «Resultado do inquérito do Rádio Clube aos seus ouvintes», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 274, maio de 1959: 7-9.

⁵⁸ Apesar de o total de horas nem sempre coincidir com a soma dos valores parciais, reproduzo aqui os números tal como foram apresentados nos sucessivos relatórios de contas; no limite, estes dão-nos uma ideia geral sobre os programas que predominavam no RCM nos anos que antecederam a revolução de abril de 1974.

Quadro 10.4 – Distribuição do número de horas de programação anuais e respetivas percentagens da Emissão A entre 1968 e 1972.

	1968 ⁵⁹		1969 ⁶⁰		1970 ⁶¹		1971 ⁶²		1972 ⁶³	
	m:s	%	m:s	%	m:s	%	m:s	%	m:s	%
Canções	1424:19	23,4	1790,58	27	1964:02	29,8	2125:59	31,92	1945:00	29,06
Conferências e palestras	24:10	0,4	22:34	0,37	19:45	0,3	4:16	0,06	8:27	0,12
Folclore	91:16	1,5	58:31	0,88	58:10	0,88	18:20	0,28	7:55	0,11
Música coral	50:00	0,8	23:01	0,35	29:26	0,44	29:22	0,44	28:34	0,42
Música instrumental	498:11	8,2	376:47	6	296:22	4,49	280:49	4,21	323:20	4,83
Música ligeira	1440:30	23,7	1828:50	27	2104:41	31,8	2108:51	31,68	2030:31	30,34
Música sinfónica	84:37	1,4	42:37	0,64	33:36	0,51	21:57	0,32	48:51	0,73
Noticiários e reportagens	678:03	11,1	608:09	9	447:27	7	572:45	8,60	612:53	9,15
Óperas	9:00	0,1	1:00	0,01	0:55	0,02	-	-	-	-
Outros	437:04	7,2	633:14	9	646:52	9,8	595:57	8,95	568:42	8,49
Prog. Forças Armadas	48:00	0,8	47:40	0,72	47:40	0,72	47:40	0,71	47:40	0,71
Prog. desportivos	207:00	3,4	195:51	3	160:29	2,4	197:47	2,98	220:36	3,29
Prog. didácticos	75:00	1,2	32:21	0,53	58:17	0,88	35:33	0,55	30:05	0,44
Prog. de divulgação	117:00	1,9	128:24	1	123:55	2	98:10	1,47	37:03	0,55
Prog. falados	130:00	2,1	65:50	0,99	16:45	0,25	25:15	0,38	22:34	0,33
Prog. infantis	78:00	1,3	68:00	1	58:30	0,9	42:38	0,64	39:05	0,68
Prog. religiosos	48:00	0,8	39:57	0,60	51:53	0,79	60:34	0,90	71:02	1,06
Prog. vivos	103:00	1,7	96:23	1	96:46	1,46	72:27	1,07	55:47	0,83
Publicidade	518:28	8,5	536:07	9	354:36	5,4	284:58	4,31	558:57	8,35
Teatro e contos	30:00	0,5	34:30	0,49	38:27	0,58	35:23	0,53	34:28	0,51

⁵⁹ «Relatório da Direcção. Exercício de 1968. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 388, junho de 1969, 1 e 36.

⁶⁰ «Relatório da Direcção. Exercício de 1969. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 400, junho de 1970, 1 e 54.

⁶¹ «Relatório da Direcção. Exercício de 1970. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 411, maio de 1971, 1 e 60.

⁶² «Relatório da Direcção. Exercício de 1971. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 423, maio de 1972, 1 e 29.

⁶³ «Relatório da Direcção. Exercício de 1972. Serviços de Produção», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 435, maio de 1973, 1.

As categorias «canções» e «música ligeira» ocupavam mais de metade da emissão, seguidas dos noticiários e de publicidade. Entre os programas mais significativos encontravam-se os das empresas de publicidade e outros programas generalistas direcionados para um público especializado, entre os quais o *Lar doce lar* para as «donas de casa», ou o programa das Forças Armadas, dedicado aos soldados que estavam estacionados em Moçambique. As emissões com as orquestras seriam quase todas radiodifundidas na Emissão A, em direto do auditório da sede do Rádio Clube, e com a participação de público, como foi o caso do programa *África à Noite*, preenchido por atuações ao vivo de grupos locais. Totalizando vinte programas radiodifundidos entre os dias 1 de junho e dezembro de 1963, este foi o único programa em línguas locais a ser radiodifundido na Emissão A.⁶⁴

Emissão B

A Emissão B, mais conhecida como LM Radio, guiava-se, por sua vez, por uma lógica estritamente comercial – os horários eram vendidos a empresas e os locutores teriam de fazer publicidade misturada com música, sobretudo música norte-americana e inglesa, e alguns *standards* de *big band*. Não passava qualquer repertório associado à música erudita europeia nem teria qualquer orquestra ao seu exclusivo serviço. A locução era em inglês e *afrikaans* e dirigia-se sobretudo à África do Sul.

Com a autonomização das emissões portuguesas e inglesas em 1947-1948, John Davenport e o coronel Richard Mayer ficaram responsáveis pela direção da B-Station (cargo que mantiveram até 1974). No mesmo ano contrataram David Davies como chefe de locução e diretor da estação, que trouxe consigo uma vasta experiência adquirida como chefe de locução da Rádio Luxemburgo e na Rádio Normandia, tornando-se na mais conhecida voz daquela emissão – o «Mr. LM Radio», como alguns lhe chamavam.⁶⁵

⁶⁴ «África à noite. Uma nova rúbrica do Rádio Clube». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 325, agosto de 1963: 17.

⁶⁵ Para uma biografia de David Davies, locutor da LM Radio, ver «LM Radio – People – David Davies», in *LM Radio Museum and Sound Archive*. Sítio na internet: <http://www.lmradio.org/People02.htm> (acedido a 5 de maio de 2018).

Rapidamente, a LM Radio recrutou locutores de todo o mundo anglófono, sobretudo da África do Sul, Inglaterra, Canadá e Austrália. Para além de Davies, Evelyn Martin foi muito possivelmente a locutora mais famosa da estação, tendo trabalhado na LM Radio a partir de 1950 como compiladora, tornando-se posteriormente na principal locutora dos programas em *afrikaans*. Na passagem para a década de 1950, a LM Radio apresentava vários programas de variedades, tais como radionovelas e teatro. Contudo, quase todos esses programas transitaram para a Springbrok Radio, criada em 1950, a primeira estação sul-africana com possibilidade de transmitir publicidade no contexto da South African Broadcasting Company (SABC). Apesar da concorrência feroz, as emissões da LM Radio continuaram a ser as mais ouvidas no país vizinho: em novembro de 1950 a Rádio Moçambique anunciava que a cada noite 263 000 pessoas ouviriam a LM Radio, em média, na União da África do Sul e na Rodésia;⁶⁶ em abril de 1955 estes números foram atualizados: «de quarenta em quarenta segundos, todas as horas, em todos os dias, uma pessoa na África do Sul escreve uma carta ao Rádio Clube de Moçambique, sobre assunto que interessa às emissões desta instituição; metade das 659 399 famílias que constituem a população branca sul-africana tem uma pessoa que em cada ano escreve pelo menos uma vez à nossa estação radiodifusora».⁶⁷

Três fatores são referidos para justificar este sucesso: a elevada qualidade dos locutores, que se transformaram em autênticas estrelas na África do Sul; a qualidade dos programas musicais que, tal como explica Chris Turner, «transmitiam as últimas novidades da música pop, ao contrário do SABC, e assim atraem tantos ouvintes sul-africanos»,⁶⁸ entre os quais o famoso programa *LM Hit Parade*, iniciado em 1948; e o facto de oferecer um serviço publicitário «notavelmente barato, e anúncios com número limitado de palavras e utiliza largas porções do tempo das suas emissões diárias, intercalando

⁶⁶ «Em cada noite ouvem o Rádio Clube de Moçambique na União da África do Sul e Rodésia, 263 000 pessoas, em média». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 172, novembro de 1950: 2.

⁶⁷ «Sobre popularidade além-fronteiras do RCM». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 225, abril de 1955:1.

⁶⁸ Para mais informações, ver o documentário radiofónico *The LM story*, parte 1B, narrado por Chris Turner em *LM Radio Museum and Sound Archive*. Sítio na internet: <http://www.lmradio.org/Sounds.htm> (acedido a 5 de maio de 2018).

essa modalidade anunciadora em rubricas extensas de música, ao gosto e agrado da grande maioria dos ouvintes recenseados». ⁶⁹

Em 1964, a LM Radio expandiu o seu horário de emissão, passando a transmitir «24 hours around the clock» – tornando-se na primeira emissão de África subsariana que nunca encerrava. Posteriormente foi anunciado que a produção de conteúdos da LM Radio transitaria do RCM para a South African Broadcasting Company (SABC) a partir de 1973. Nesse último ano, alguns dos seus locutores foram transferidos para Joanesburgo, onde uma parte significativa dos programas passaria a ser gravada, e posteriormente enviada para Lourenço Marques por comboio. ⁷⁰ Seguidamente apresento a distribuição da programação da Emissão B entre 1968 e 1972.

Quadro 10.5 – Distribuição do número de horas de programação anuais da Emissão B entre 1968 e 1972.

	1968 ⁷¹	1969 ⁷²	1970 ⁷³	1971 ⁷⁴	1972 ⁷⁵	
	m:s	m:s	m:s	m:s	m:s	%
Canções	3162:63	3163:34	3304:10	3274:08	3229:14	36,77
Folclore	160:50	167:46	120:23	113:15	112:33	1,28
Música coral	166:59	203:22	128:34	125:19	119:52	1,37
Música instrumental	281:51	281:21	135:58	173:19	170:12	1,94
Música ligeira	2704:42	2660:03	2657:22	2661:56	2678:15	30,49
Música sinfónica	18:30	–	4:20	–	–	–
Outros	1143:27	1129:05	1206:25	1208:30	1175:15	13,37
Prog. desportivos	26:10	26:05	25:05	121:05	26:05	0,29
Prog. de divulgação	3:40	5:20	–	–	–	–
Publicidade	1115:08	1106:55	1176:42	1082:28	1272:34	14,49

⁶⁹ «O que dizem as estatísticas sobre o valor comercial de Rádio-Moçambique», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 254, setembro de 1957:1-2.

⁷⁰ Para mais informações, ver o documentário radiofónico *The LM story*, parte 6B, narrado por Chris Turner em *LM Radio Museum and Sound Archive*. Sítio na internet: <http://www.lmradio.org/Sounds.htm> (acedido a 5 de maio de 2018).

⁷¹ «Relatório da Direcção. Exercício de 1968. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 388, junho de 1969, 1 e 36.

⁷² «Relatório da Direcção. Exercício de 1969. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 400, junho de 1970, 1 e 54.

⁷³ «Relatório da Direcção. Exercício de 1970. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 411, maio de 1971, 1 e 60.

⁷⁴ «Relatório da Direcção. Exercício de 1971. III.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 424, junho de 1972, 1 e 29.

⁷⁵ «Relatório da Direcção. Exercício de 1972. Serviços de Produção», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 435, maio de 1973, 1.

Apesar de o seu público base ser a população branca sul-africana, a LM Radio era ouvida com particular atenção pelos jovens de Lourenço Marques, sobretudo entre os estudantes universitários. Transcrevo seguidamente o depoimento de Luís Loforte que, depois da independência, acabou por integrar os quadros técnicos da Rádio Moçambique:

A LM Radio era, para a juventude dos anos 60 e 70, uma fonte quase única de cultura musical internacional, com a qual munidos poderíamos aspirar com alguma inserção e afirmação numa sociedade altamente estratificada como era a colonial. Materialmente pobres e com diminutas possibilidades para comprarmos discos, e muito menos giradiscos, decorar as letras e conhecer as melodias, os seus intérpretes e os géneros musicais da época passavam por ouvir maciçamente a LM Radio. Quando as pilhas fraquejavam, recorriamos aos postes de energia e aos estendais de roupa metálicos como extensões da antena para nos aumentarem a amplitude do sinal, quando não recorriamos à exposição ao sol dos acumuladores, convencidos que estávamos de que lhes aumentava a carga eléctrica. Não me constringe dizer que a LM Radio foi um factor de agregação da minha família, em Lourenço Marques, na Moamba e no Sábíè, na adolescência, e em Porto Amélia, Montepuês e Mecífi, em plena juventude. Também foi um antídoto à ansiedade que todos os homens experimentaram quando são chamados a integrar um exército, ainda para mais em guerra. Até na porta de armas, em vigília, não deixava de ouvir aquela estação. Fixávamos letras e os nomes dos intérpretes os quais nem a idade, nem os dissabores ou outras vertentes musicais nos farão olvidar.⁷⁶

Emissão C

Os terceiros programas, onde quer que existam, têm auditórios especiais. Não se dirigindo à massa dos ouvintes das emissoras radiofónicas, destinando-se antes às classes da sociedade interessadas nas mais puras e mais altas manifestações das artes que a Rádio pode servir – a música, a literatura, a poesia, o teatro – os «terceiros programas» não são ouvidos,

⁷⁶ Loforte, *Rádio Moçambique...*, 108-109.

em regra, por gente com modesto grau de cultura, procuram e atingem as camadas intelectuais – os artistas, os escritores, os pensadores, e as pessoas ávidas de saber e de aperfeiçoamento artístico ou dotadas de elevada sensibilidade.⁷⁷

Publicado na revista *Rádio Moçambique* em junho de 1962, este texto resume o dilema geral do RCM: a necessidade de manter uma programação plural, direcionada para o entretenimento das «massas», sem com isso alienar os grupos que se interessam pelas «mais puras e mais altas manifestações das artes». O conflito existente entre estas duas dimensões foi-se agravando ao longo da década de 1950, com o decréscimo acentuado da programação de «música erudita» para dar lugar a programas de teor «comercial», financiados pelas empresas de publicidade. Se, por um lado, o RCM não poderia prescindir dos programas comerciais, que trariam dinheiro à estação radiofónica, por outro, não devia descuidar a sua «missão formadora». A solução para este dilema foi encontrada em dezembro de 1962 com a criação da Emissão C, sem publicidade, enquadrada na tipologia de «terceiro programa» referido no texto anterior.⁷⁸

A Emissão C garantia ao RCM um certo prestígio, sobretudo porque todas as grandes emissoras europeias, que o RCM seguia como modelo, teriam uma emissão totalmente composta por música pertencente ao cânone da música erudita ocidental. O facto de esta ter sido a primeira emissão africana difundida em frequência modulada e em estereofonia, mesmo quando quase não existiam recetores estereofónicos em território moçambicano, acaba por confirmar esta ideia: muito mais do que satisfazer uma tendência de mercado residual, esta era uma emissão que visava destacar o RCM no mapa das mais importantes estações radiofónicas à escala mundial. Na distribuição programática da Emissão C entre 1968 e 1972, havia uma prevalência das categorias «música sinfónica», «música instrumental» e «música ligeira». Aos poucos, a Emissão C incorporou muitas outras rubricas, relacionadas com a poesia e o cinema.

⁷⁷ «Quem ouve os ‘terceiros programas’». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 311, junho de 1962: 3.

⁷⁸ «Relatório da Direcção. Exercício de 1964». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 346, maio de 1965: 1-6.

Quadro 10.6 – Número de horas de programação anuais e respetivas percentagens da Emissão C entre 1968 e 1972.

	1968 ⁷⁹	1969 ⁸⁰	1970 ⁸¹	1971 ⁸²	1972 ⁸³	
	m:s	m:s	m:s	m:s	m:s	%
Canções	97:26	157:13	150:35	182:15	146:43	6,65
Música de câmara	35:23	57:38	59:26	72:38	60:06	2,73
Música coral	58:32	54:33	73:50	70:05	76:19	3,46
Música instrumental	156:05	257:41	217:56	217:58	225:57	10,24
Música ligeira	317:00	389:51	431:29	376:12	390:21	17,68
Música sinfónica	506:11	611:08	661:51	667:15	617:01	27,95
Noticiários e reportagens	82:29	94:23	107:31	123:18	204:07	9,24
Óperas	140:59	184:26	183:59	173:05	170:26	7,73
Outros	61:03	64:31	80:47	72:02	78:32	3,55
Prog. didáticos	16:08	27:57	68:07	5:15	31:20	1,42
Prog.de divulgação	101:02	27:57	39:28	24:42	37:03	1,67
Prog. falados	135:12	–	67:37	182:09	169:20	7,68
Teatro e contos	–	–	–	12:06	–	–

Emissão D e as empresas de publicidade

Na década de 1970 existiam várias empresas de publicidade a operar em Lourenço Marques, tais como as Produções Golo, Delta Publicidade, Produções 1001, Excelsior Publicidade, Produções Elmo, Publicidade Tam-Tam, Arco Íris Publicidade, Boa Tarde Rádio Publicidade, Top-Express, entre outras, que tinham também a responsabilidade de produzir programas radiofónicos. A primeira empresa a iniciar a sua atividade foi a Produções Golo, criada por António Alves da Fonseca em 1957, inicialmente com o propósito de realizar

⁷⁹ «Relatório da Direcção. Exercício de 1968. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 388, junho de 1969, 1 e 36.

⁸⁰ «Relatório da Direcção. Exercício de 1969. III.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 401, julho de 1970, 1 e 54.

⁸¹ «Relatório da Direcção. Exercício de 1970. III.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 412, junho de 1971, 1 e 60.

⁸² «Relatório da Direcção. Exercício de 1971. III.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 424, junho de 1972, 1 e 29.

⁸³ «Relatório da Direcção. Exercício de 1972. Serviços de Produção», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 435, maio de 1973, 1.

relatos de futebol, basquetebol e hóquei em patins, mas acabando posteriormente por enveredar pela área do entretenimento. Fonseca pormenorizou-me o processo:

Quando se criaram as produções Golo, essencialmente ligadas ao futebol, havia já uma organização que possibilitava a expansão. Por exemplo, se quiséssemos um programa à noite, pelas 10 da noite, pedíamos à Rádio e apresentávamos o programa. A partir daí era buscar jornalistas que se teriam adaptado à rádio para fazerem locução ou para escreverem textos, e aí a coisa foi crescendo. Vieram cada vez mais programas e surgiram novas produtoras radiofónicas. O Rádio Clube começou a pôr à disposição um conjunto de horários e depois as empresas competiam, apresentando um «programa zero» de modo a mostrar à rádio o que poderiam fazer. Quem ganhasse, ou seja, quem tivesse a melhor ideia para aquele horário é que poderia comprar a hora.⁸⁴

Naturalmente, as outras empresas começaram também a apresentar as suas ideias, chegando-se a uma situação de congestionamento da emissão principal. Foi neste contexto que o RCM decidiu criar a Emissão D em janeiro de 1968, apresentando como seus objetivos: «a) competição entre as Agências Publicitárias levando-as, por emulação, a melhorar a sua produção publicitárias; b) aliviar a publicidade do programa A, pelo menos na parte respeitante ao comércio local; c) obter, se possível, um aumento de receitas».⁸⁵ A reduzida potência do emissor (5Kw) confinava o raio de ação da emissão D pouco para além dos 70 quilómetros fora da cidade. Na distribuição programática da Emissão D, entre 1968 até 1972, e à semelhança das emissões A e B, havia uma prevalência das categorias «canções» e «música ligeira»:

⁸⁴ Entrevistas a António Alves da Fonseca, diretor da Produções GOLO e ex-diretor da RM, realizadas no Edifício GOLO na Avenida Mao Tsé-Tung, 488, Maputo, nos dias 11-10-2016; 14-10-2016; 18-10-2016; 10-04-2017.

⁸⁵ «Relatório da Direcção. Exercício de 1970. III». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 412, junho de 1971: 1 e 60.

Quadro 10.7 – Número de horas de programação anuais e respetivas percentagens da Emissão D entre 1968 e 1972.

	1968 ⁸⁶	1969 ⁸⁷	1970 ⁸⁸	1971 ⁸⁹	1972 ⁹⁰	
	m:s	m:s	m:s	m:s	m:s	%
Canções	927:20	1116:06	1155:15	1258:25	1110:12	29,04
Folclore	18:17	5:14	5:29	6:21	22:22	0,01
Música de câmara	0:42	–	0:30	3:15	–	–
Música coral	18:36	9:21	7:54	13:48	38:30	1,00
Música instrumental	351:28	234:43	152:38	134:15	231:25	6,05
Música ligeira	1033:00	1261:43	1491:04	304:46	1178:18	30,82
Música sinfónica	5:16	5:55	24:25	3:40	97:43	2,55
Noticiários e reportagens	352:50	376:14	374:36	412:59	472:37	12,37
Óperas	0:33	–	1:25	–	–	–
Outros	399:22	374:56	463:45	521:57	426:47	11,17
Prog. desportivos	2:02	2:00	11:10	14:01	18:17	0,47
Publicidade	136:34	223:37	131:52	147:54	249:16	6,52

A partir da segunda metade da década de 1960, as empresas de publicidade tiveram um papel determinante no desenvolvimento da indústria fonográfica em Moçambique. Segundo António Sopa, na primeira metade da década de 1970 estavam sedeadas em Lourenço Marques as seguintes empresas discográficas: Lourenço Marques Discos, Companhia de Discos de Moçambique, Fonoplay, Teal Discos e Somodiscos – Sociedade Moçambicana de Discos (Rádio Trinfo).⁹¹ Os conjuntos AEC-68, Cave, Adágio Vocal, João Domingos, Dilon Djinji, Lalarita e Marcelino Comiché encontravam-se

⁸⁶ «Relatório da Direcção. Exercício de 1968. II.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 388, junho de 1969, 1 e 36.

⁸⁷ «Relatório da Direcção. Exercício de 1969. III.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 401, julho de 1970, 1 e 54.

⁸⁸ «Relatório da Direcção. Exercício de 1970. III.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 412, junho de 1971, 1 e 60.

⁸⁹ «Relatório da Direcção. Exercício de 1971. III.», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 424, junho de 1972, 1 e 29.

⁹⁰ «Relatório da Direcção. Exercício de 1972. Serviços de Produção», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 435, maio de 1973, 1.

⁹¹ António Sopa, *A Alegria é uma Coisa Rara. Subsídios para a História da Música Popular Urbana em Lourenço Marques (1920-1975)* (Maputo: Marimbique, 2013), 196.

entre os grupos publicados nos últimos meses que antecederam o golpe de Estado de 25 de abril de 1974.⁹² Algumas das etiquetas mais comuns estavam ligadas às empresas de publicidade radiofónicas, com particular foco na Produções 1001 e na Delta Publicidade. Estas empresas gravavam nos seus estúdios privados, os mesmos onde montavam as suas emissões radiofónicas, ou no Rádio Clube de Moçambique, sendo posteriormente editadas através de etiquetas como «Bula Bula» no caso da Produções 1001, e «Bayete», no caso da editora sul-africana com representação em Moçambique – Teal – que, por sua vez, editava em parceria com a fábrica Companhia de Discos de Moçambique.

Orquestras e cançonetistas

Em 1936 o Grémio dispensou a quantia de 62 000\$00 com o propósito de contratar músicos para formar várias orquestras.⁹³ A primeira, e mais famosa deste período foi um quinteto de câmara composto por um pianista (Eduardo Matos), um violinista (Eduardo Leal), um violoncelista (Adolph António Thorn), um contrabaixo (Artur Augusto) e um segundo violino (Artur Fonseca); posteriormente o quinteto passou a sexteto, com a inclusão do violetista João Paulo.⁹⁴ Mediante algumas exceções, o sexteto trabalhava em regime de exclusividade no RCM, seguindo diretrizes estéticas que privilegiavam a música clássica e a música ligeira (portuguesa, espanhola ou brasileira). O *jazz* e outros géneros tais como fados que «não derivassem de motivos folclóricos portugueses» eram postos de lado. Cada músico auferia 18 contos mensais; 216 anuais.⁹⁵

Na mesma época foi anunciada a criação do Orfeão do Rádio Clube – uma iniciativa que visava enriquecer o panorama musical de Lourenço Marques, bem como envolver os amadores de práticas

⁹² *Ibidem.*

⁹³ «1936». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 19, janeiro de 1937: 1. Autoria: Gilberto Gonçalves Tubio.

⁹⁴ «Noticiário do Rádio Club». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 29, outubro de 1937: 4.

⁹⁵ «O nosso quinteto». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 27, agosto de 1937: 10.

musicais na programação da Rádio. O grupo estreou-se a 1 de dezembro de 1937 sob a regência de Adolph António Thorn.⁹⁶

Em outubro de 1938 a revista *Rádio Moçambique* anunciava uma nova fase no RCM com a vinda de um «conhecido músico de Lisboa», que viria revolucionar a direção artística da Rádio;⁹⁷ tratava-se de Belo Marques, compositor, regente e funcionário da Emissora Nacional.⁹⁸ Aclamado como «um génio da música» nas páginas da revista *Rádio Moçambique*, Belo Marques foi apresentado como uma espécie de messias que traria para a colónia «os bons costumes modernos» desenvolvidos na metrópole, bem como os seus mais recentes progressos estético-musicais.⁹⁹

Para além de reger as orquestras do RCM, a estadia de Belo Marques em Moçambique ficou também marcada pelo trabalho de recolha de práticas musicais que dirigiu no Sul de Moçambique com o objetivo de produzir repertório inspirado nos motivos musicais locais e para a apresentação de palestras e publicações de carácter etnográfico.¹⁰⁰ Pela primeira vez falava-se em «música indígena» ou «música negra» na revista *Rádio Moçambique*, designações até então ausentes das suas páginas. Os resultados das suas expedições foram sendo gradualmente apresentados na revista,¹⁰¹ e posteriormente apresentados no livro *Música Negra: Estudos de Folclore Tonga*, editado em Lisboa em 1943 pela Agência Geral das Colónias.¹⁰² Marques chegou a recorrer a estes motivos para produzir algumas das suas obras, de

⁹⁶ «O serão de gala do Rádio Club de Moçambique». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 31, dezembro de 1937, 8. Autoria: F. B.

⁹⁷ «Ahrens Teixeira». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 41, outubro de 1938: 2.

⁹⁸ Manuel Deniz Silva, «Marques, José Belo». In *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, Salwa Castelo-Branco, org. vol. 3 (Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2010), 744-745.

⁹⁹ «Momento musical», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 44, janeiro de 1939, 6. Autoria: Eduardo Correia de Matos

¹⁰⁰ *Ibidem*.

¹⁰¹ «Música negra». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 56, fevereiro de 1940: 5; «6.º estudo (de um livro em preparação)», n.º 64, outubro de 1940: 5; «9.º Estudo», n.º 65, novembro de 1940: 10.

¹⁰² Belo Marques, *Música Negra: Estudos sobre o Folclore Tonga* (Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1943). Para uma análise dos conceitos que circundaram a produção artística de Belo Marques, ver Michael Dias, «Ser original: é ser verdadeiro e sincero: Belo Marques e a música negra» (tese de mestrado, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2016).

onde se destaca a *Fantasia Negra*, para solista, coro e orquestra,¹⁰³ cujo tema central servia de separador das emissões do RCM.¹⁰⁴ Finda uma estadia de três anos, Belo Marques despediu-se de Moçambique em janeiro de 1942,¹⁰⁵ continuando a ser recordado, nos anos seguintes, como o protagonista de um dos momentos mais altos da produção artística do RCM.¹⁰⁶

Ao longo da década de 1950 as orquestras do RCM passaram por uma fase de estagnação, marcada pela promoção de várias experiências, entre as quais orquestras de «variedades», «de música ligeira», «típica», «salão», «concerto»¹⁰⁷ e um Coro Feminino, cuja primeira apresentação aconteceu em setembro de 1949.¹⁰⁸ O fracasso de grande parte destas experiências levou o RCM a apresentar uma panorâmica muito pessimista no Relatório da Direção de 1961:

O problema das orquestras foi fonte de sérias preocupações. O impressionante desinteresse pela carreira da música entre nós, a escassez quase total de músicos no nosso meio e as desvantagens que oferece o recrutamento de elementos para as orquestras em meios estranhos, foram factores de desagregação verdadeiramente desoladores. Só com o auxílio do Estado ou da Municipalidade de Lourenço Marques – o Rádio Clube não pode sozinho manter materialmente a organização de uma orquestra – se poderá satisfazer o desejo «histórico» de se ter uma orquestra que sirva a cidade e a represente no campo musical. [...] Iniciaram-se as primeiras diligências nesse sentido e, haverá, antes de mais, que esperar que a situação económica geral se modifique, para depois se prosseguir.¹⁰⁹

¹⁰³ Silva, «Marques...», 744-745.

¹⁰⁴ Loforte, *Rádio Moçambique...*, 79-80.

¹⁰⁵ «Despedida de Belo Marques», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 78, janeiro de 1942, 3. Autoria: António Emílio de Campos.

¹⁰⁶ «Música moçambicana», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 92, abril de 1943: 10. Autoria: António Emílio dos Santos.

¹⁰⁷ «Relatório da Direcção referente ao ano de 1958». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 273, abril de 1959: 1-8.

¹⁰⁸ «Os programas da orquestra de Variedades». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 169, agosto de 1950: 7. Autoria: J. M.

¹⁰⁹ «Relatório da Direcção ano de 1961». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 309, abril de 1962: 1-5.

Não obstante o óbvio apelo à intervenção estatal, a criação de uma orquestra do município de Lourenço Marques nunca se verificou. A partir de 1960, e até à revolução de 1974, o RCM manteve três agrupamentos: a Orquestra Típica, com direção do maestro António Gavino;¹¹⁰ a Orquestra de Variedades, com direção do maestro Artur Fonseca;¹¹¹ e a Orquestra de Salão, regida até 1964 por Eduardo Leal, e depois por José Gonçalves Correia.¹¹² O Coro Feminino encontrava-se também a cargo de António Gavino.¹¹³ Foram ainda criados alguns grupos temporários, como a Orquestra Típica Argentina, com a direção de Mário Barreto, que iniciou as suas atuações a 7 de junho de 1963.¹¹⁴

De um modo geral, a Orquestra de Variedades apresentava diversos géneros, misturando música portuguesa com música ligeira norte-americana. A Orquestra Típica, muitas vezes acompanhada pelo Coro Feminino, apresentava sobretudo músicas portuguesas orquestradas ao estilo da Emissora Nacional (muito possivelmente as partituras com os arranjos seriam cedidas pela Emissora da metrópole). Finalmente, a Orquestra de Salão estaria responsável pela chamada «música erudita» de tradição ocidental, que o RCM classificava como «música séria». Esta última orquestra lutou por se manter no ativo, devido à carência de instrumentistas com formação clássica em Lourenço Marques, situação agudizada pela inexistência de um conservatório ou de uma escola pública de música em Moçambique.¹¹⁵ Nos últimos anos antes da independência, o número de atuações desta orquestra parece ter diminuído substancialmente, a julgar pela quase ausência de referência nos relatórios de contas à sua atividade. A desvalorização deste agrupamento

¹¹⁰ «Conversando e divulgando». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 372, fevereiro de 1968: 14-15.

¹¹¹ «Ouvindo o maestro Artur Fonseca». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 402, agosto de 1970: 48-49.

¹¹² «Relatório da Direcção. Ano de 1964». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 346, maio de 1965: 1-5.

¹¹³ «O 32.º aniversário do Rádio Clube de Moçambique». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 344, março de 1965: 4-6.

¹¹⁴ «Relatório da Direcção. Exercício de 1963». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 334, maio de 1964: 1-4.

¹¹⁵ «Rádio Clube de Moçambique, relatório da Direcção, exercício de 1964». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 346, maio de 1965: 3.

coincidiu, contudo, com a realização de várias visitas da Orquestra Sinfónica da SABC, a convite do RCM.¹¹⁶

O Rádio Clube também investiu na contratação de «cançone-
tistas», através da organização de rubricas e programas como *Gente
Nova ao Microfone*, destinada a jovens até aos 16 anos, bem como
de um Centro de Preparação de Cançonetistas, para todos os que
excedessem os 16 anos.¹¹⁷ Na década de 1960 nasceram vários novos
talentos, que se juntaram aos nomes consagrados de Jorge Leal e
Marinela (que seriam os cançonetistas de maior projecção na década
de 1950),¹¹⁸ entre os quais Carlos Guilherme,¹¹⁹ Natércia Barreto,¹²⁰
Rosa Feiteira Ferreira¹²¹ e Maria José Canhoto.¹²² Estes cançonetis-
tas tornaram-se autênticas «estrelas da Rádio» – um sucesso com-
provado ano após ano na aguerrida competição que galardoava os
melhores cançonetistas da instituição, consagrados como «Reis da
Rádio». Carlos Guilherme e Natércia Barreto foram os vencedores
em 1970, sucedendo a nomes como Aníbal Coelho e Rosa Feiteira.¹²³

Hora Nativa e A Voz de Moçambique

Em junho de 1955, a direção do RCM tomou a decisão de reco-
lher o «folclore musical indígena».¹²⁴ Algumas dessas gravações foram

¹¹⁶ Em 1973 realizou a sua sexta visita. «A orquestra sinfónica da S. A. B. C. apre-
senta-se pela 6.^a vez em Lourenço Marques a convite do Rádio Clube de Moçambi-
que». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 434, abril de 1973: 2-3.

¹¹⁷ «Relatório da Direcção. Ano de 1964». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de
Vulgarização*, n.º 346, maio de 1965: 1-5.

¹¹⁸ «Estas são as vozes mais populares do R. C. M.». *Rádio Moçambique: Revista
Mensal de Vulgarização*, n.º 201, abril de 1953: 14.

¹¹⁹ «Jovens cançonetistas do Rádio Clube. Falando com Carlos Guilherme». *Rádio
Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 362, abril de 1967: 39.

¹²⁰ «Jovens cançonetistas do Rádio Clube. Falando com Natércia Barreto». *Rádio
Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 364, junho de 1967: 45.

¹²¹ «Jovens cançonetistas do Rádio Clube. Falando com Rosa Feiteira». *Rádio
Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 366, agosto de 1967: 30.

¹²² «Jovens cançonetistas do Rádio Clube. Falando com Maria José Canhoto». *Rádio
Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 367, setembro de 1967: 43.

¹²³ «Eleição dos 'reis da rádio'». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*,
n.º 399, maio de 1970: 46-47. Autoria: A. C.

¹²⁴ «Recolha de folclore musical indígena». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de
Vulgarização*, n.º 231, outubro de 1955: 22.

difundidas em regime experimental num curto programa musical com patrocínio de marcas comerciais tais como a *Phillips* ou a *Pfaff*, por sua vez interessadas em incrementar a venda de recetores de rádio e máquinas de costura para os indígenas.¹²⁵ Este objetivo também beneficiava a própria Rádio: «a popularidade dos receptores de *transistors*, que permitem com cinco ou seis escudos gastos em pequenas pilhas de lanternas de algebeira 400 ou 500 horas de boa audição, aumentará extraordinariamente o número de rádio ouvintes entre as populações nativas».¹²⁶ Em setembro de 1957 as recolhas musicais somavam já «umas centenas»¹²⁷ e, no relatório desse ano, a direção do RCM referia já ter exposto ao governo da província «as vantagens dum serviço de programas destinado exclusivamente às populações autóctones e a necessidade de continuar a produção e a propagação do folclore indígena».¹²⁸

Em abril de 1958, as emissões experimentais deram lugar ao programa *Hora Nativa* – a designação recomendada pelo governo¹²⁹ – radiodifundido numa fase inicial aos domingos de manhã, das 9h às 10h, e à noite, das 18h às 21h em língua Xironga, e posteriormente em Xichangana.¹³⁰ Este programa expandiu-se rapidamente para outros horários¹³¹ e, a partir de 12 de julho de 1959, aos emissores provinciais. A revista *Rádio Moçambique* pormenoriza alguns dos aspetos que caracterizaram a programação:

No início, as emissões eram curtas, ainda não focadas numa sistematização programática. Mas agradaram logo às populações a que se destinavam. A «palavra falada» é o melhor veículo para ir até à intimidade do nativo, à sua sensibilidade e à sua curiosidade intelectual. Ao mesmo tempo que se

¹²⁵ «Programa-tipo do Rádio Clube de Moçambique para o mês de Março». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 246, janeiro de 1957: 14-15.

¹²⁶ «Relatório da Direção de 1958». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 273, abril de 1959: 1-8.

¹²⁷ «A rádio e a música folclórica». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 254, setembro de 1957: 21-22.

¹²⁸ «Relatório da Direção referente ao ano de 1956». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 249, abril de 1957: 1-9.

¹²⁹ «Relatório da Direção de 1957». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 262, maio de 1958: 1-6.

¹³⁰ «Programa-tipo do Rádio Clube de Moçambique para o mês de outubro». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 265, agosto de 1958: 13-14.

¹³¹ «Recordando...». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 298, maio de 1961: 15.

Ihe faculta a oportunidade de ouvir as suas músicas e canções, apresentadas no dialeto que ele compreende, vai-se realizando uma obra civilizadora e educativa, de utilidade social e prática, o que justificou a criação de um serviço especializado, denominado *Hora Nativa*, tendo programadores, tradutores, locutores, estes indígenas, convenientemente enquadrados, e cujas emissões dominicais se estendem já, atualmente, por três horas. Assim são dados conselhos e fornecidos ensinamentos ao indígena, sobre assuntos de saúde, de pecuária, da vida doméstica, da acção administrativa do Estado, e outros, utilizando para esse efeito, palestras, diálogos e dramatizações. A pouco e pouco dar-se-á a conhecer também às populações nativas a música folclórica portuguesa de mais fácil assimilação.¹³²

Em 1962 a *Hora Nativa* transformou-se numa emissão autónoma com a designação genérica de *A Voz de Moçambique*, que tinha como propósito «exercer uma acção construtiva» em contexto de guerra, sem ignorar «o substracto moral, os sentimentos, os costumes e a formação mental» das «sociedades menos evoluídas».¹³³ Por outro lado, esta mudança esteve em consonância com o fabrico de rádios a preços mais acessíveis, passíveis de serem adquiridos por pessoas com baixo poder económico.¹³⁴ Em último caso, na impossibilidade de se adquirirem radioreceptores, estas emissões poderiam também ser ouvidas em locais públicos, tais como as cantinas.¹³⁵

Rapidamente, os locutores de *A Voz de Moçambique*, quase todos negros e mulatos, transformaram-se em autênticas estrelas radiofónicas entre a população negra, tal como demonstrado em algumas cartas publicadas na *Rádio Moçambique*. Os editores classificam estas cartas de «frescas, espontâneas, e singelas», acrescentando ainda que:

[...] elas traduzem também, e de modo insofismável, a importância e o valor extraordinário que têm para os seus ouvintes, as emissões de *A Voz*

¹³² «O RCM está no ar em cinco línguas». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 262, maio de 1958: 7-8.

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ «Rádios a preços acessíveis para povos sub-desenvolvidos». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 318, janeiro de 1963: 15.

¹³⁵ João Soeiro de Carvalho, «Mozambique». In *Continuum Encyclopedia of Popular Musics of the World Volume 6 Africa and the Middle East*, orgs. David Horn et al. (Londres: Bloomsbury Publishing, 2004), 94-98.

de Moçambique! Além do prazer meramente espiritual que podem colher dos programas recreativos, e do desenvolvimento mental através das rubricas culturais, o facto de haver emissões especialmente dedicadas a eles, como que os engrandece, fazendo-os sentir mais integrados, e iguados no seio da sociedade multirracial característica de Moçambique.¹³⁶

O verbo «civilizar» era então substituído por outro – «integrar» –, que apesar de ser mais singelo, na prática teria o mesmo significado para o colono de origem europeia. Os tempos eram então outros – depois da abolição do estatuto do indigenato em 1961, os indígenas, os portugueses de origem europeia e os assimilados passaram a ter os mesmos direitos – pelo menos no papel e não necessariamente na prática. Depois de iniciado o conflito armado em setembro de 1964, *A Voz de Moçambique* passou a ser o meio de comunicação mais usado pelos serviços da Psicossocial para efeitos de propaganda, juntando-se assim ao lançamento aéreo de panfletos, ou à propagação sonora de mensagens propagandísticas contra a FRELIMO através de voos noturnos com altifalantes e amplificadores de alta potência.¹³⁷ Foi também através de *A Voz de Moçambique* que a PIDE explorou o êxito da captura ou dissidência de alguns dos soldados da FRELIMO, como Lázaro Kavandame.¹³⁸

Nos últimos anos da década de 1960, o RCM expandiu consideravelmente o número de horas de *A Voz de Moçambique* com a criação do Centro Emissor da Beira-Dondo, com uma potência de 215 Kw divididos por 20 emissores,¹³⁹ difundindo em línguas Echuwabo, Cinyanja, Kiswahili, Ciyao, Shimakonde, Cisena e Cinyungwe; o Centro Emissor de Lourenço Marques-Matola continuaria responsável pelas línguas Xichangana e Xironga; enquanto os emissores regionais de Nampula e Porto Amélia difundiam as emissões em Emakhuwa e Emetto, respetivamente.¹⁴⁰

¹³⁶ «Presente 'A Voz de Moçambique'». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 324, junho de 1963: 6-7.

¹³⁷ Para mais informações, ver o documentário *A Guerra* da autoria de Joaquim Furtado. Episódio n.º 20 «Nó górdio não desatado». Edição Levoir, Público e RTP.

¹³⁸ *Ibidem*.

¹³⁹ «Regional de Tete. O Rádio Clube de Moçambique inaugura mais um emissor regional», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 427, setembro de 1972, 1, 4, 5, 56, 57 e 58.

¹⁴⁰ «Relatório da Direcção. Exercício de 1971», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 422, abril de 1972, 1 e 28.

Quadro 10.8 – Número de horas de emissão de *A Voz de Moçambique* em cada língua.

	1971 (m:s) ¹⁴¹	1972 (m:s) ¹⁴²
Changana [Xichangana]	1314:00	1808:00
Ronga [Xironga]	2165:00	2262:00
Chuabo [Echuwabo]	1647:00	1638:00
Macua [Emakhuwa]	1730:00	1604:00
Macua do Medo [Emetto]	262:30	260:00
Nianja [Cinyanja]	479:45	1845:00
Suaíli [Kiswahilli]	507:15	1845:00
Ajaua [Ciyao]	365:00	1036:00
Maconde [Shimakonde]	169:00	1028:15
Sena [Cisena]	2013:00	2002:00
Nhúngue [Cinyungwe]	1830:00	1820:00

No que diz respeito à programação de *A Voz de Moçambique*, existiam várias rubricas de entretenimento com um carácter educativo, entre as quais: «Aventuras da família Pfumo», programa teatral através do qual seriam abordadas questões relacionadas com a vida familiar; «Aprenda se não sabe, recorde se esqueceu», onde se tratava de temáticas como a higiene, a saúde, a agricultura ou a pecuária; «Lições de Português», que procurava ensinar falar corretamente a língua portuguesa; o «Programa do imigrante», exclusivo às emissões em Xichangana (língua predominante em Gaza) e dedicado aos emigrantes e trabalhadores emigrados, sobretudo nas minas, onde seriam lidas mensagens dos familiares deslocados; a *Hora da Verdade*, definido na revista *Rádio Moçambique* como um «programa de mentalização, distribuído para todos os dialectos em emissão, cobrindo toda a província».¹⁴³

Finamente, *A Voz de Moçambique* radiodifundia muita música em línguas locais recolhida pelo RCM ao longo dos anos, a partir de 1954; bem como alguns discos de artistas gravados na África do Sul,

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² «Relatório da Direcção. Exercício de 1972», *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 433, março de 1973, 1.

¹⁴³ «Relatório da Direcção. Exercício de 1968. III». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 389, julho de 1969: 1 e 54.

tais como Alexandre Langa e Fanny Pfumo. Este último acabou por vencer um concurso intitulado «Rei da Rádio», uma rubrica radiofónica que decorreu entre 20 de outubro e 30 de novembro de 1963 que, através de um sistema de voto, visava encontrar o «melhor artista de música nativa».¹⁴⁴ Para além de canções locais e canções pertencentes ao folclore português metropolitano, a *Voz de Moçambique* também radiodifundia música sul e norte-americana, com particular incidência em música brasileira.¹⁴⁵

Conclusão

Os usos e os costumes, entretanto, liberalizaram-se muito mais em Moçambique do que era a norma quer na metrópole portuguesa, quer no ambiente severo de calvinismo puritano imposto na África do Sul – apesar de, nas praias e nos cafés de Lourenço Marques, serem as bifas que deixavam os locais de boca aberta, as meninas locais manietadas pelos velhos costumes dos seus pais portugueses. Ainda que com a PIDE a mordiscar, o Regime nervoso e a guerra dois mil quilómetros a norte a desenvolver-se, o ambiente na cidade tornou-se muito mais sofisticado e multirracial, começaram a aparecer galerias de arte, surgiu toda uma geração de pintores e escultores portugueses e moçambicanos, brancos e negros e com temas africanos, lojas de moda, a Sociedade de Estudos, a Casa Amarela, os *bikinis*, a minissaia, veio a revolução musical com o *rock*, vomitado 24 horas por dia, sete dias por semana pela LM Radio, a Estação 2 do Rádio Clube que era de longe a mais popular em todo o Sul de África. Do Rádio Clube veio também a marrabenta e inaugurou-se também a primeira estação de FM stereo, com *jazz* e música clássica, em todo o território português. Por sua parte, a Rua Araújo acompanhava todo este ambiente à sua maneira, com mulheres, marijuana, misturada com cerveja, vinho, *shows* de *striptease* (alguém se lembra do famoso travesti Belinda?) e com verdadeiras sessões de pancadaria que

¹⁴⁴ «A voz de Moçambique (serviços de acção psicossocial)». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 332, março de 1964: 4-5.

¹⁴⁵ «Dos serviços de acção psicossocial. A voz de Moçambique a transmitir». *Rádio Moçambique: Revista Mensal de Vulgarização*, n.º 326, setembro de 1963: 22-23; «A voz de Moçambique. A quem ajuda?» *Tempo*, n.º 135, 15 de abril de 1973. Autoria: Albino Magaia.

inevitavelmente envolviam comandos, fuzileiros e a polícia de choque a correr atrás deles com cassetetes. Segundo Eduardo Pitta, até havia um discreto *underground gay* e lésbico na Rua Araújo que Maluda vagamente confirma.¹⁴⁶

Esta descrição relaciona a efervescência cultural vivida na cidade de Lourenço Marques com os desenvolvimentos considerados «modernos» próprios dos países do hemisfério norte, particularmente no que respeita aos domínios da música, da moda, das artes plásticas e da radiodifusão. A referida Rua Araújo, localizada na zona portuária da cidade (onde o próprio Rádio Clube esteve sediado nos primeiros vinte anos da sua existência), foi-me descrita como um espaço decalcado à imagem de uma rua de Paris ou de Las Vegas. A sua existência num país africano surpreenderia muitos, mesmo aqueles que chegavam da África do Sul, como era o caso de John Berks, um dos locutores sul-africanos admitidos para trabalhar na emissão LM Radio do Rádio Clube de Moçambique em 1964. Eis as suas palavras:

Conduzir em Lourenço Marques era um sonho de miúdo tornado realidade. Eu estava a absorver tudo, nunca tinha estado num território português na minha vida. Estás a ver, quando deixas Komatipoort, na fronteira entre a África do Sul e Lourenço Marques, és de súbito atirado para a Europa. Sabes, tudo em Lourenço Marques era diferente, o estilo de vida, a moeda, a comida, as pessoas, era tudo diferente, então podias imaginar este miúdo aterrar em Lourenço Marques e conduzir pela primeira vez até ao lugar com que sonhava – o Rádio Clube...¹⁴⁷

O Rádio Clube de Moçambique desempenhou um papel central na promoção de Lourenço Marques como uma cidade «moderna» que, em muitos aspetos, seria muito mais liberal do que a metrópole. Esta ideia ganha forma pela sua sofisticação tecnológica e industrial,

¹⁴⁶ Para mais informações, ver o artigo: «Deus, o negócio e o pecado na Rua Araújo em Lourenço Marques», *Delagoa Bay Review*. Sítio na internet: <https://delagoabayword.wordpress.com/category/arquitectura-mocambique/historia-de-maputo> (acedido a 5 de maio de 2018).

¹⁴⁷ Para mais informações, ver o documentário radiofónico *The LM story*, parte 4B, narrado por Chris Turner em LM Radio Museum and Sound Archive. Sítio na internet: <http://www.lmradio.org/Sounds.htm> (acedido a 5 de maio de 2018).

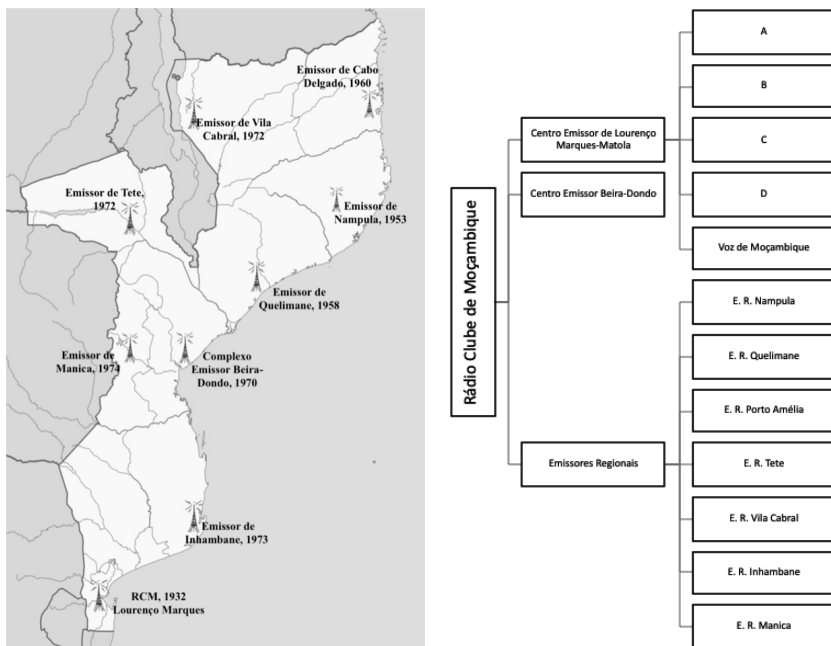
decorrente dos meios técnicos de radiodifusão e progressos industriais relacionados com a música, e por fatores de significação cultural, como meio de promoção da «modernidade», do «cosmopolitismo» e de uma pretensa «ação formativa e cultural da sociedade».

Enquanto indicador de «progresso tecnológico», o RCM possuía uma enorme estrutura de produção que não só cobria quase todo o território como se estendia aos países vizinhos. O primeiro emissor datado de 1935 – o CR7AA – deu lugar a várias dezenas de emissores espalhados por todo o território, com potências variadas em ondas curtas, médias, frequência modulada e estereofonia. Integrando as últimas tecnologias de radiodifusão, o RCM foi a primeira estação africana a recorrer a tecnologia de frequência modulada e estereofonia; e uma das primeiras a fazê-lo a nível mundial (com exceção de alguns casos no Canadá e nos EUA). O facto de esta ter sido uma instituição pioneira nesta área, mesmo perante a quase inexistência nessa época de recetores estereofónicos em território moçambicano, confirma a estratégia do RCM de se tornar uma das mais importantes e apetrechadas estações radiofónicas à escala mundial.

O Rádio Clube foi também um dos principais responsáveis pelo crescimento das indústrias da música, tendo sido particularmente relevante para o desenvolvimento da indústria fonográfica em Moçambique. Foi por seu intermédio que grande parte das empresas de publicidade se desenvolveram (sobretudo através da Emissão D), programando para a radiodifusão e gravando vários artistas para a edição de discos. Simultaneamente, e perante a promoção de um *star system* radiofónico local através da fundação de orquestras e da contratação de cançonetistas, o RCM foi a principal força motriz das indústrias culturais em Moçambique relacionadas com a música.

No que diz respeito aos repertórios radiodifundidos, o Rádio Clube era considerado uma estação «moderna». Embora os seus dirigentes não recusassem as tendências associadas à categoria «música ligeira portuguesa» promovida pela Emissora Nacional e por outros eventos tais como o Festival da Canção da RTP, as emissões do RCM procuravam ir além desta oferta «metropolitana». As emissões da LM Rádio contribuíram, em particular, para que o *soundscape* laurentino incluísse sonoridades de música popular anglófona e um estilo de locução radiofónico em língua inglesa, frequentemente descrito como «arejado» e «arrojado». Nessa emissão, a radiodifusão de novos

Figuras 10.1 e 10.2 – Evolução do «império radiofónico» do RCM, e localização aproximada no mapa de Moçambique, com as datas de inauguração de cada um dos postos emissores; à direita: todos os polos do RCM, com foco particular nas 5 emissões existentes no Centro Emissor de Lourenço Marques/Matola em 1974.



discos acontecia quase em simultâneo com os países de origem, em oposição ao que aconteceria na metrópole ou até mesmo na vizinha África do Sul, onde o controlo de conteúdos seria muito mais aper-tado. Este foco em repertórios estrangeiros estendeu-se também às outras emissões, demonstrando, por um lado, a força de uma paisagem sonora dominada pelas mais recentes tendências globais defini-das e reguladas pelas indústrias; e, por outro, revelando a necessidade de os seus administradores capitalizarem o sucesso da emissão B e autopromoverem-se assim como uma estação «moderna» e «atual», em oposição a uma certa «portugalidade rústica» enformada por reper-tórios baseados em fados e nos cançonetistas da Emissora Nacional. Muitos dos meus entrevistados confirmaram-me esta ideia, entre os quais Luís Loforte e o produtor António Alves da Fonseca (produções

GOLO). Este último, em particular, salientou que os seus programas, bem como os de outras empresas de publicidade, procuravam emular e incorporar os formatos, conteúdos e sonoridades da LM Radio.

Assim, a «história sonora» desta estação permite questionar a «situação colonial» em Moçambique,¹⁴⁸ desafiando, neste processo, conceções binárias de «centro» e «periferia» em relação à influência e à imposição ideológica em algumas instituições, abrindo uma brecha para repensar a relação entre Portugal e as suas ex-colónias. Neste caso em particular, e ao contrário do que talvez fosse expectável, o modelo programático das emissões do RCM em língua portuguesa não provinha do «centro» metropolitano e da sua «Emissora Nacional», mas sim do trabalho desenvolvido pelos locutores e programadores da LM Radio. As práticas e os valores considerados modelares encontravam-se, portanto, dentro do próprio RCM.

Finalmente, a diversidade de conteúdos promovidos, muitos dos quais em línguas locais, conferia ao RCM um certo estatuto de «estação cosmopolita». Para além do português, inglês e *afrikaans*, em 1974 o RCM emitia também em Xichangana, Xironga, Echuwabo, Emakhuwa, Emetto, Cinyanja, Kiswahili, Ciyao, Shimakonde, Cisena e Cinyungwe, totalizando assim 16 línguas diferentes. Procurando inicialmente fazer rádio para o entretenimento de uma elite de origens europeias, com o passar dos anos o âmbito e a função do RCM foi-se alargando às populações autóctones, atingindo o seu auge durante as guerras de libertação. *A Voz de Moçambique* foi um poderoso instrumento de propaganda contra a FRELIMO, transformando o RCM numa autêntica máquina de guerra que se opunha à pequena e quase efémera programação de *A Voz da FRELIMO*, radiodifundida a partir dos países vizinhos.

Nesse período o RCM procurou *informar* corretamente as populações (segundo a cartilha colonial), num contexto de fortes pressões internacionais contra o colonialismo português. Procurou *educar* as populações locais através de programas pedagógicos sobre assuntos diversos – saúde, higiene, valores familiares, valores religiosos, dicção

¹⁴⁸ Para mais informações, ver: Georges Balandier, «A situação colonial: abordagem teórica». *Cadernos Ceru*, vol. 25, n.º 1 (2014). [1951]: 44-78; e Fernando Tavares Pimenta. «Perspetivas da historiografia colonial portuguesa (século xx)». In *Outros Combates pela História*, org. Maria Ribeiro (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.)

de língua portuguesa; esse ideal «formativo» moldou a criação de emissões de música «séria» (conceito usado pelo RCM para caracterizar as práticas de música erudita europeia prevalentes na emissão C). Finalmente, o RCM procurou também garantir a *recreação* e o entretenimento através da radiodifusão de programas musicais nas emissões principais e em línguas locais. Foi através destes três vetores – informação, educação e recreação – que se autopromoveu como uma das mais importantes instituições da representação portuguesa em África: não era apenas uma das principais referências de Moçambique no estrangeiro, mas, acima de tudo, a única referência que muitos países africanos teriam de Portugal. Esta ideia seria diariamente reforçada com o indicador sonoro «Aqui Portugal, Moçambique, falam-vos o Rádio Clube em Lourenço Marques transmitindo em ondas curtas e médias».

A importância desta instituição foi comprovada em circunstâncias distintas, durante o período de transição, no dia 7 de setembro de 1974, ao ter sido escolhida pelo «Movimento Moçambique Livre» como o epicentro de um golpe político de grupos de colonos portugueses em reação aos Acordos de Lusaca (Zâmbia). Aos seus microfones foi então proclamada uma outra «independência» para o território. Porque escolheram o Rádio Clube de Moçambique e não outros edifícios com aparente maior significado político, tais como a Câmara Municipal de Lourenço Marques, ou a residência do governador provincial no Palácio da Ponta Vermelha? Por um lado, o RCM era o centro informativo da colónia, com capacidade de radiodifundir por todo o território as diretrizes do autodenominado «Movimento Moçambique Livre». Contudo, mais do que material, talvez a principal razão tenha sido simbólica, já que o RCM representava como poucas instituições a presença portuguesa em África. Para além de ser uma obra monumental, com o seu «Palácio da Rádio» e os seus retransmissores que cobriam todo o território moçambicano, o RCM ajudou a legitimar, através das sonoridades promovidas, a ideia de que Moçambique colonial era mais «desenvolvido», mais «atual» e «moderno» do que a própria metrópole. Essa associação foi de tal modo vigorosa que, por alturas da independência, as sonoridades que transmitia passaram a ser veementemente recusadas. Os repertórios radiofónicos predominantes no período colonial foram caracterizados pela FRELIMO como «alienatórios»

e «submissos ao estrangeiro». Eles não serviriam para construir sonoramente um novo Moçambique.¹⁴⁹

Bibliografia

- Balandier, Georges. «A situação colonial: abordagem teórica». *Cadernos Ceru*, vol. 25, n.º 1 (2014) [1951]: 44-78.
- Barbosa, Ernesto. *A Radiodifusão em Moçambique: O Caso do Rádio Club de Moçambique, 1932-1973*. Maputo: Promédia, 2000.
- Blacking, John. *How Musical is Man? [The John Danz Lectures]*. Seattle e Londres: University of Washington Press, 1973.
- Carvalho, João Soeiro de. «Performance culture in Maputo: categories of expressive modes in the changing of an African urban society». *Revista Portuguesa de Musicologia*, n.º 12 (2002): 253-263.
- Carvalho, João Soeiro de. «Mozambique». In *Continuum Encyclopedia of Popular Musics of the World Volume 6 Africa and the Middle East*, orgs. David Horn et al. 94-98. Londres: Bloomsbury Publishing, 2004.
- Dias, Michael. «Ser original: é ser verdadeiro e sincero: Belo Marques e a música negra». Tese de mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2016.
- Freitas, Marco Roque de. *A Construção Sonora de Moçambique (1974-1994)*, Maputo: Kulungwana, 2020.
- Loforte, Luís. *Rádio Moçambique. Memórias de um Doce Calvário*. Maputo: Edição de autor, 2007.
- Losa, Leonor. *Machinas Fallantes: A Música Gravada em Portugal no Início do Século XX*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2013.
- Marques, Belo. *Música Negra: Estudos sobre o Folclore Tonga*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1943.
- Moura, Fernando Carlos. «Contacto com a origem: a hora da saudade». *Revista Media & Jornalismo n.º 24 – Rádio – Contextos e Linguagem*. n.º 24, vol. 13 (2014): 135-152.
- Nettl, Bruno. «The art of combining tones: the music concept». In *The Study of Ethnomusicology: Thirty-one Issues and Concepts*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 2005, 16-26.
- Pimenta, Fernando Tavares. «Perspectivas da historiografia colonial portuguesa (século xx)». In *Outros Combates pela História*, org. Maria Ribeiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- Silva, Manuel Deniz. «Marques, José Belo». *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, org. Salwa Castelo-Branco, vol. 3 L-P, 744-745. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2010.

¹⁴⁹ Para mais informações, ver: Marco Roque Freitas, *A Construção Sonora de Moçambique (1974-1994)*. Maputo: Kulungwana, 2020.

- Silva, Manuel Deniz. «Rádio». In *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*, org. Salwa Castelo-Branco, vol. 4 L-P, 1080-1086. Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2010.
- Sopa, António. *A Alegria é uma Coisa Rara. Subsídios para a História da Música Popular Urbana em Lourenço Marques (1920-1975)*. Maputo: Marimbique, 2013.
- Stone, Ruth. «African music in a constellation of arts». In *The Garland Handbook of African Music*, 2.^a ed., ed. Ruth Stone, 7-13. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2008.
- Turino, Thomas. *Nationalists, Cosmopolitans, and Popular Music in Zimbabwe*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

Sítios na internet

- LM Radio Museum and Sound Archive, <http://www.lmradio.org/People02.htm>, s. d.
- Delagoa Bay Review: «Deus, o negócio e o pecado na Rua Araújo em Lourenço Marques», <https://delagoabayword.wordpress.com/category/arquitectura-mocambique/historia-de-maputo>, s.d.

Entrevistas

- Entrevista a António Alves da Fonseca, diretor da Produções GOLO e ex-diretor da RM, realizadas no Edifício GOLO na Avenida Mao Tsé-Tung, 488, Maputo, nos dias 11-10-2016; 14-10-2016; 18-10-2016; 10-04-2017.

Documentos audiovisuais

- A Guerra*, da autoria de Joaquim Furtado. Episódio n.º 20 «Nó górdio não desatado», Lisboa: Edição Levoir, Público e RTP.